

# FILMES PORNOGRÁFICOS SE AMOR SE FAZ

**Luis Maffei\***

O poema, com três movimentos, vai do espanto ao reconhecimento, passando, de permeio, pela indagação. Como escrevi algures, entrevejo um Jorge de Sena, do alto de seus 54 anos incompletos (o poema é datado de 13/10/72), diante da experiência de um filme *X-rated*, a que fora assistir sobretudo por curiosidade. Não sei qual terá sido o filme. Escrevo estas linhas no obscuro ano de 2019, no país sem cabeça, tronco ou membros que é o Brasil. Um país que mal sabia o que é *golden shower*, e que passou a sabê-lo torpemente. Escrevo num mundo onde os filmes pornográficos já obedecem a lógica bastante distinta da dos anos de 1970. Erotismo há no cinema desde que as câmeras filmam mais que estações de trem. Mas a pornografia como mercado rentável teve de esperar décadas, por isso os filmes pornográficos são, para este quinquagenário imigrante português residindo na Califórnia, ainda uma novidade.

*Hardcore*, filme não pornográfico realizado por Paul Schrader em 1979, é um marco da inevitabilidade de se discutir esse mercado ainda na década de 70. Em 72, o olhar se assusta e indaga, devagar, ao modo seniano, num poema que se constrói como uma sinfonia. O marxista Sena não deixa de estar interessado nas brutais condições de trabalho a que eram submetidos “Estes que não actores”. A arte desse poeta sempre fundiu privado e público, percebendo que o corpo da finitude, do gozo, do desconsolo e do gasto é o que ama e o que trabalha, o que faz o amor e a revolução. Mas fundir privado (constituição criativa dos corpos e suas respectivas subjetividades) e público não significa estatizar o privado (prática totalitária) nem privatizar o público (prática neoliberal), muito menos confundir privado e público. Esta

confusão, resultante de um capitalismo que capitaliza até corpos amantes e laborais, descorporifica os corpos, fazendo-os “máquinas de sexo”.

No entanto, o especulativo, espantado Sena, indagador por excelência, desconfia da suficiência de sua premissa crítica e pergunta: “Mas na verdade sentirão prazer? E na verdade o dão no que se mostram?”. O problema, agora, é a transformação do olhar também em máquina, ou seja, o aspecto maquínico e hipnótico do cinema, que surpreendeu Benjamin e que é, justamente, o que permite a existência dos filmes pornográficos e sua distribuição para além da presença dos corpos filmados. A sétima arte, nesse trânsito apenas maquinal (a face perversa de uma linguagem furiosamente moderna?), perde sua força revolucionária e massiva, porque capaz de conversar com uma mallarmaica multidão, para se transformar em “imitação que nada inunda”, despojada de qualquer aura.

Mudam-se os tempos, mudam-se as mídias: na era da Internet, precisamos rediscutir alguns valores que Jorge de Sena acalentava. Democracia, por exemplo. Não vamos mais a salas de cinema para experimentar a pornografia audiovisual: rendemo-nos a essa indústria, mais lucrativa que nunca, em nossas casas. Isso não tem nada a ver com democracia. Os tempos da Internet encontram meios novos e eficazes, inclusive, para a corrosão da democracia, sobre os quais deitam e rolam políticos de inclinação totalitária, como o do *golden shower*.

O camoniano Sena finaliza seu texto falando de amor. É uma trágica inevitabilidade, pois Amor obriga-o a ser sujeito a diversas vontades. Esse amor é democrático, público e privado a um só tempo, paixão de corpos amantes e políticos. Antes de tudo, “todos somos” mortais “actores ocasionais”, “desde que ele”, o amor, “se faça”. Portanto, “isto”, o filme, “possui uma nobreza estranha”, que relativiza o totalitarismo capitalizável do exemplar pornográfico – talvez não da pornografia em seu sentido de exploração política, mas do exemplar, daquelas mulheres e homens que dão o corpo às cenas.

Escrevo em país regido por um tipo de “pornografia crua” irrelativizável, pois pervertida, má. Ela não lembra corpos em movimentos sexuais insinuantes e sinuosos, nem um quase alquímico *golden shower* que não viralize na Internet pela mão porca de um prototipozinho de ditador, espelho, não de um povo, mas de muita gente nesse povo. Nós, que lemos e estudamos Sena (e Camões, Sophia, Florbela, Garrett e outras e outros amantes em língua poética portuguesa), podemos é usar nossos corpos para sexo e barricadas, leituras e muitas grafias, a fim de que o ar a se respirar neste país, neste tempo, possa ser esparzido de “actos de amor”, pois só o amor (também escrito, performado), agora, pode nos engendrar algum rasgo de futuro.

---

\* Autor dos livros de poemas *A*, *Telefunken*, *38 círculos*, *Pulsatilla*, *Signos de Camões*, *40* e *Vista de Olímpia*. Recebeu o prêmio Icatu de Artes/ Literatura, em 2013. No ensaio, escreveu os volumes *Do mundo de Herberto Helder*, *Despejo quieto – ensaios sobre poesia portuguesa*, *Manuel de Freitas por Luis Maffei* (da coleção Ciranda da Poesia) e, com Pedro Eiras, *A vida repercutida – uma leitura da poesia de Gastão Cruz*, editado em Portugal e é também autor do prefácio à poesia reunida de Gastão Cruz, *Os poemas*. Organizou, com Raquel Menezes, edição dos *Poemas eróticos* de Maria Teresa Horta. No ensaio, organizou, com Lilian Jacoto, *Soldado aos laços das constelações – Herberto Helder*; com Ida Alves, *Poetas que interessam mais – leituras da poesia portuguesa pós-Pessoa*, e, com Jorge Fernandes da Silveira, *Poesia 61 Hoje*. Como contista, escreveu *Contos da Colina – 11 ídolos do Vasco e sua imensa torcida bem feliz*, em parceria com Nei Lopes e Mauricio Murad, e organizou, participando também com um conto, *Extratextos 1 – Clarice Lispector, personagens reescritos*, com Mayara R. Guimarães. É professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal Fluminense e Bolsista de Produtividade do CNPq. Foi, entre 2015 e 2018, Pesquisador Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ).